SOFIA PIDWELL

Puzzle of LiFE

GALERIA SÁ DA COSTA
22 de abril a 21 de maio
segunda a sábado 14h30 às 19h00
Rua Serpa Pinto, 19, 1200-443 Lisboa

A dança da alma

Por José Sousa Machado

"*enquanto escutas falas vive a língua*
doce desejo de água o corpo aberto
caído sobre a lama
(...)
o passo rompe a luz a jovem face
*pequena sobre as folhas***"**
António Franco Alexandre ("A pequena face" in "Poemas")

As cinco pinturas de grande formato que Sofia Pidwell apresenta agora na Galeria Sá da Costa são o reverso das coreografias gestuais que a artista executa durante o processo criativo. São como que a parte de trás do espelho no qual a artista se revê (e aos seus gestos) transmutados em espirais de cor. Mas são também o contraponto visível dos seus bailados vigorosos que evoluem até à catarse e desenham no espaço tangível movimentos circulares ininterruptos.

Os gestos rodopiam sobre si mesmos num ritmo imparável; conformam novelos de cor ciclópicos, ciclónicos, caleidoscópicos e derramam-se em vertigem cromática sobre a tela, ocupando toda a sua superfície e, até, serpenteando para alem das margens do suporte. Todo o espaço circundante é assim contaminando por uma miríade de cores entrelaçadas que lembram auroras boreais de cor mutante.

Não há aqui espaço para descontinuidades ou disrupções. A própria consciência autoral da artista é engolida no processo criativo e a obra, então liberta, constrói-se a si mesma espontaneamente, consolidando progressivamente a sua original necessidade e coerência. As cores sobrepõem-se, mesclam-se, diluem-se e entrelaçam-se, percorrendo todas elas o mesmo sulco juncado e ondulante, por vezes alagando as margens, tal qual um rio caminhando para a foz e arrastando no seu leito os inumeráveis sedimentos.

A rapidez e amplitude dos gestos contínuos de Sofia Pidwell é perceptível na densidade das manchas de cor que vão ficando gravadas sobre a tela, tracejadas, irregulares, mais vincadas umas do que outras, mas nunca sincopadas, jamais interrompidas.

O método apofático adoptado por Sofia Pidwell, reduzindo deliberadamente a importância do estatuto autoral no processo criativo, tem afinidade com algumas correntes espirituais que provocam, por exemplo, em cerimónias ritualistas orgiásticas, o êxtase dos

participantes, e também com a "loucura dionisíaca" patente na tragédia grega inicial, ao produzir a síntese de deus com bode na figura do sátiro. Para estas o conhecimento e contacto com as realidades supra-naturais só são plenamente alcançados em estados mentais exacerbados, quando os indivíduos se ultrapassavam a si próprios.

Nas actuais pinturas, reunidas sob o título " *The PuZZle of LIFE*", cabe, sobretudo, a Sofia Pidwell a função de *médium*, de mediadora entre o mundo material e o mundo espiritual, transmutando a matéria indiferenciada em informação espiritual, à maneira dos dervixes rodopiantes da Ordem Mevlevi – comunidade esotérica Sufi fundada em Konya no dealbar do século XIII pelo iluminado poeta e mistico islâmico Jalal al-Dim Rumi. Rodopiando em transe sobre o seu eixo, numa dança circular vertiginosa, estes frades mendicantes comunicam com as entidades que acreditam representarem a divindade, transportando a sua energia para a terra, purificando-a.

Na cadência dos feixes coloridos de Sofia Pidwell podemos facilmente imaginar a pauta musical que lhes corresponde e entrever para onde se encaminham: um bolero pulsante, em crescendo, que mergulha subitamente no Uno, no vácuo, no Nada, *"...pois que as coisas não têm no Uno qualquer forma distinta (...)"* (Plotino, "Eneidas" IV).

Sofia Pidwell

Artista visual portuguesa, independente, vive e trabalha em Lisboa.

O seu trabalho desenvolve-se em torno da natureza humana, a existência e o processo evolutivo do ser humano, e as repercussões desse processo ao nível individual e coletivo.

Utiliza vários suportes, o desenho, a pintura, a performance, instalação entre outros.

Através de um trabalho expositivo e performativo, aparece como uma figura que integra a própria exposição, uma peça que complementa as obras de arte, envolvendo o público na apresentação, com o intuito de criar uma aura de unidade e pertença. O público integra a exposição e assim se forma a totalidade do objeto expositivo.

É seu desejo aperfeiçoar a compreensão da natureza e da existência humana, e através do seu olhar, ir descobrindo os princípios que regem a vida, seguindo-os com integridade e transmitindo-os através do seu trabalho e exemplo pessoal.

Fez a sua primeira exposição individual em 2009 na Fundação Medeiros e Almeida em Lisboa e em 2016 participou numa exposição coletiva no SESC Ipiranga, em São Paulo com a curadoria de Maria de Fátima Lambert. Desde então, trabalha entre Portugal e Brasil.